

[ANDRÉA L. PORTELA | LUDMILA BRANDÃO]

Andréa L. Portela é pedagoga, designer de moda e mestranda do programa ECCO/UFMT.
E-mail: portela.andrea@gmail.com

Ludmila Brandão é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com pós-doutorado em Crítica da Cultura pela Université d'Ottawa/Canadá. É coordenadora da Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT e do Núcleo de Estudos do Contemporâneo (UFMT/CNPq). Autora de *A catedral e a cidade* (EdUFMT, 1995) e *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos* (Perspectiva, 2008).
E-mail: ludbran@terra.com

Rituais para entrar ou sair da moda

Rituals to come in or come out the fashion

[89]

[resumo] Contra a ideia hegemônica de que a chamada indústria da moda "dita" modos de ser e de se vestir, queremos afirmar que os sujeitos podem ser criadores a contrapelo das "imposições" midiáticas, porque esse mesmo repertório, tornado público, pode ser apropriado "selvagemmente", uma vez que permanece a possibilidade de combinações dos mesmos objetos estéticos da moda que escapam aos manuais de uso. Este texto pretende explorar procedimentos de ruptura consciente das "regras da moda", reinventando para si um modo singular de ser e de se vestir por meio das histórias e composições corporais de Beth e Davi.

[palavras-chave]

moda; invenção; interatividade

[abstract] In opposition to the hegemonic idea that the so-called fashion industry "imposes" ways of being and to get dressed, we want to affirm that people can be creative against the media charges, because this same repertoire, once become public, can be used "savagely", since it maintains the possibility of combinations of the same fashion aesthetic objects which escape the manual of use. This paper intends to explore the procedures of conscientious rupture of "fashion rules", reinventing to itself a singular way of being and to dress up through the stories and body compositions of Beth and Davi.

[key words] fashion; invention; interactivity.



Foto: Thais J. Castro

[90]

*Nós rimos da moda, não queremos
estar iguais a ninguém.*
Beth e Davi, 2009.

Uma crise ronda a moda do século XXI: a corrida pelo lucro e pelas somas espetaculares ameaça a capacidade de criação. As facilidades dos modelos enlatados na prensa que é exigida no processo de criação e a definição das "tendências" atendendo a interesses exclusivamente econômicos sufocam os criadores e os transformam, com exceção de uns poucos, em pesquisadores capacitados em mascarar "cópias", as quais não se assumem como tais e são tratadas como referências¹, em uma dinâmica que parece ser insuficiente na fabricação incessante de novidades. O sociólogo Gilles Lipovetsky também alerta para uma diminuição de marcha. Ele afirma, com razão, que "a moda aberta é caracterizada pela autonomização do público em relação à idéia de tendência", o que faz surgir uma dupla lógica: de um lado, as ofertas inconstantes e, de outro, a emancipação de um poder moderador entre os consumidores (2007, p. 142). O ritmo acelerado que a indústria do vestuário impõe excede as condições econômicas reais da maioria dos consumidores que, por sua vez, convivem com formas alternativas de uso e de informação, tornando possível, para esses mesmos consumidores, superarem ou minimizarem o caráter impositivo dos padrões midiáticos, forjando para si um espaço múltiplo de opções.

Se lembrarmos que o conceito matemático de moda é o do "valor que mais predomina", pode-se então afirmar que começamos a assistir, neste campo, ao paradoxal fenômeno de se "estar na moda" saindo dela, ou seja: o valor singular torna-se moda.

Dinâmicas de modas e modos

Entre as poéticas do vestir, seguimos os passos do casal Beth e Davi². Por onde andam, os dois atraem olhares de admiração e espanto, diante de uma maneira de se apresentar que desafia pudores e regras, apostando na alegria e na coragem de reinventarem suas imagens pessoais e sociais, seguidamente, sobretudo por meio do vestuário.

Ao longo do processo de industrialização, pode-se dizer que os ditames da moda acomodaram as mentes e os corpos. Hoje, na era pós-industrial, algumas fendas se abrem para discutirmos alternativas de personalização por meio das roupas, na contra corrente do que era tido como o modo ideal de vestir.

A história da moda consagra o século XX como o da democratização do vestir, graças a dois fatores principais: os meios de comunicação e a industrialização, em que a multiplicação de vestimentas tornaria possível decidirmos sobre nossa aparência como nunca antes havia sido possível (MOUTINHO e VALENÇA, 2005). Apesar dessa democratização em um certo nível, existe um "jogo de forças" (TREPTOW, 2003) para determinar o que as pessoas devem ou não consumir em dado momento, acompanhando o ciclo temporal da moda.

Os conceitos de moda parecem reforçar a exploração publicitária ao classificar os "estilos de consumidores". A cada perfil, destina-se um grupo de cores, de estampas, padrões, marcas e até atitudes. Poucos podem, como Beth e Davi, afirmar: "nós rimos da moda, não queremos estar iguais a ninguém".

Essa incapacidade da moda de se manter como timoneira, como o foi no passado ainda recente da industrialização, deve-se em parte ao fato de hoje sermos menos coercitivos. A mobilidade do tempo está diante do que Maffesoli (1996) chamou de presenteísmo, do viver o aqui e agora como alternativa ao linearismo da modernidade. Rosane Preciosa (2007) atenta para o fato de que, engajados ao tempo presente, buscamos estratégias que resistam ao constante chamamento da lógica do mercado e, dessa maneira, provocamos rupturas que produzem inesperadas transformações em nós mesmos. Classificar consumidores se tornou, então, um procedimento nebuloso e movediço, além de inútil. Esse "caos" de incertezas e indefinições, características do mundo atual, pode ser visto como produtor de novidades, e não como fim catastrófico.

Este trabalho tomará o caso de Beth e Davi como exemplar para pensar o fenômeno bastante atual de singularização dos modos de vestir ao revés da moda, considerando entrevistas e material fotográfico. Os dados coletados serão confrontados com os conceitos, dinâmicas e formas de uso da moda contemporânea.

Beth é educadora e cantora; Davi é projetista, pintor, compositor, poeta e escritor. Na fusão de linguagens, nossos "performers" sempre se vestem com muitas cores, complementos e brilho. Desta forma, eles se despem dos elementos sugeridos/ditados pelos manuais e, em um processo de criação compartilhada, inventam modos próprios de vestir, nos fazendo pensar que o acoplamento corpo e roupa também pode ser uma "obra aberta" (ECO, 1988).

Eles se conheceram ainda muito jovens, participando de movimentos artísticos como teatro e música em plena efervescência dos anos 1970. O namoro era colorido com presentes como colares de sementes que eles mesmos faziam. Com as constantes serenatas de Davi, Beth se acostumou a dormir com o rosto maquiado, como gosta de fazer ainda hoje. O espírito zombeteiro de Beth ignora a cosmética (noturna) saudável prescrita nos manuais de saúde e beleza da pele. Dormir parece ser igualmente um gesto estético.

No fim dos anos 1980, envolvidos com a música e com os filhos já crescidos, o irrequieto casal pôde finalmente realizar diversas viagens, pelas quais perceberam/conquistaram uma rara liberdade de se diferenciarem no modo como compunham suas próprias roupas. Pode-se dizer que, simultaneamente, deram início a outra viagem muito particular, intensiva, que dispensa o deslocamento físico, mas que fizeram ressoar em seus corpos. Essa atitude para com os modos de vestir está,

curiosamente, em plena conformidade com os elementos que orientam a moda contemporânea e nos quais podemos estabelecer alguns paralelos com a arte.

Ter um estilo não faz mais sentido em um espaço de misturas como o da moda. Já não há um lugar seguro para que possamos nos atracar e estabelecer definições. A busca do entendimento do que está próximo é sempre difícil, quanto mais quando somos partícipes dele, e também quando admitimos nossa multiplicidade.

Se fôssemos definir o estilo de nossos personagens, deveríamos dizer, provavelmente, que se trata de uma mistura "afro-indiana-egípcia-hippie-cigana" ou qualquer nova nomenclatura que pudesse dar conta da profusão de informações. É um transbordamento de estilos, uma imagem exacerbada, como um tipo de atitude que se espalha nas pequenas situações vividas no cotidiano. Nossos personagens não cabem em clichês empobrecedores de nossas percepções domesticadas, disciplinadas, nem suportam os adjetivos ofertados em grande escala no mercado e que sufocam a nossa "multidimensionalidade". Parece-nos que o nosso casal configura essa espécie de espaço fomentador de poéticas incommuns e inclassificáveis.

A moda deve ser pensada no âmbito da produção cultural e, dentro dela, do fenômeno da interação entre seus agentes, em um processo que não cessa com a produção das peças do vestuário, mas que se recicla e se renova nas escolhas individuais, no ato de consumir, nos usos simbólicos que atribuímos a cada peça do guarda-roupa. São cada vez mais frequentes as "contaminações" produzidas entre a arte e o mundo da moda. De certa maneira, todos os elementos estético-formais ou simbólicos usados para analisar a arte podem ser encontrados nas imagens do cotidiano e, particularmente, na moda. Na medida em que os objetos do vestuário ganham os espaços dos museus ou que movimentos artísticos ganham as ruas, assimilamos com naturalidade esta aproximação contaminadora.

Todavia, quando se trata de imagens cotidianas, de comunicação visual ou produção de massa, notamos certa resistência na manutenção dos mesmos critérios; os discursos são tomados como frágeis e superficiais, interpretados como elementos vazios de um espetáculo de intenções. Maffesoli (1996) lembra a necessidade de deixar de lado o "moralismo intelectual" que circunda esta questão. Citando Michel Foucault, ele afirma a necessidade de nos abirmos para a "estética da existência", integrando o uso dos prazeres na compreensão da vida social. O objeto-roupa ou a roupa-acontecimento pode ser considerada em uma dimensão funcional, mas também em seus aspectos estéticos; pode ser arte e moda, sempre passível de ser sacralizada ou futilizada.

Ao encontrar diversos materiais, nosso casal estabelece várias e inusitadas combinações, e quando os dois julgam terem encontrado uma forma nova, um "novo visual", se fotografam, alimentando sua coleção de objetos únicos e também garantem que não repetirão a composição. As peças individuais são sempre reformuladas e recombinaadas para a criação de novas roupas. Lenços e tecidos com caimento são as peças-chave no guarda-roupa de Beth; elas são amarradas aleatoriamente conforme as formas que o tecido vai assumindo. Esculpem-se em cada vestido.

Isso que se dá com Beth e Davi pode ser encontrado em vários blogs de moda, em que as pessoas se fotografam e, a partir das imagens, discutem e trocam sugestões. Alguns fotografam pessoas pelas ruas, divulgando composições interessantes. Paris, Milão, Londres, Tóquio, Nova York, as capitais da moda, vão sendo visitadas virtualmente. As múltiplas referências internacionais invadem e são invadidas pelos indivíduos por meio da costura de ideias e imagens trocadas pela internet. A globalização permite o jogo das formas socializadas e descentralizadas. Os meios de comunicação multiplicam as experiências interativas que intensificam as dinâmicas de transformação do mundo, das possibilidades de ser, dos modos de estar, tornando possível a diversidade e a particularidade na composição corporal em qualquer lugar do mundo. Isso impõe com o clássico papel das revistas de moda, que funcionavam como fontes abalizadas de informação para os que estavam em busca de uma "roupa adequada" e como cartilhas sofisticadas para a reprodução de modelos. Parece que essa hegemonia das revistas vem sendo ameaçada. Hoje, elas convivem com as sugestões de muitos espaços tecnológicos, mais democráticos no sentido de oferecerem uma variedade de opções, sem estabelecer determinismos e apostando na criatividade individual. Atentas a esse protagonismo dos indivíduos, algumas marcas já produzem roupas multifuncionais, peças que podem ser usadas como saias, vestidos ou blusas, da mesma forma que Beth faz com suas amarrações de lenços e tecidos variados.

As interatividades permitidas nos espaços virtuais fragilizam as imposições mercadológicas. A criação pessoal escapa ao controle das corporações, enquanto que a comunicação virtual se constitui em espaços de livre circulação de informações e de troca de experiências, onde os sujeitos são capazes de estabelecer escolhas, de se apropriarem livremente dos objetos, em uma sucessão de gestos mínimos, mas potentes, de resistência e de exploração da capacidade criativa.

Desde a década de 1990, cresce a divulgação de um novo conceito de produção individualizada ou singularizada na moda, a customização, que começou a ganhar espaço contra a pasteurização das aparências. Na customização, ainda que tenha uma base padronizada, o usuário faz alterações nas roupas para que se tornem exclusivas. No entanto, segundo a produtora e consultora de moda Sílvia Barros (2009), as marcas de moda lançaram a ideia de customização visando não à liberdade de composição individual, mas à clientelização.

No embate entre as estratégias mercadológicas e as táticas do consumidor, assistimos ao que Michel de Certeau chama de "maneiras de fazer", ou "performance dos praticantes" que, articuladas sobre os detalhes do cotidiano, possibilitam pequenos sucessos: "vitórias do fraco sobre o mais forte" (1994, p. 47). A falta de dinheiro e a busca nostálgica de elementos do passado incluíram os brechós no circuito da moda, tornando possível a mistura do que se usou em todos os tempos. Em uma situação em que os elementos da moda vão se tornando cada vez mais fragmentados, "quando todos os complementos e amplitudes são

possíveis, quando uma multidão de estilos fica lado a lado", o paradoxo parece se realizar: torna-se difícil estar fora de moda (LIPOVETSKY, 2007, p. 142). Talvez a moda venha a ser exatamente aquilo que lhe escapa. Como isso se configura, não sabemos.

Beth e Davi talvez saibam quando dizem: "o estilo é des-pentear". A brincadeira consiste na produção de um modo de ser e viver impregnado de inventividade, que vai da roupa à casa em que moram. Beth declara que "falta coragem às pessoas para construir felicidade, produzirem a sua autoestima. Estar feliz é se assumir para o outro, não importando se está agradando ou não". Quando alguém diz que é uma "pessoa diferente", Beth rebate dizendo que é uma "pessoa igual", mas o visual que cria para si é que é diferente, e todos podem agir com a mesma liberdade com que ela o faz. Preciosa atenta para esse tipo de coragem experienciada por Beth:

(...) é preciso ter coragem para liberar espaço para certas vivências que destoam das formas domesticadas e costumeiras e abraçar uma infatigável "esfera de produção de si mesmo", em que viver é dizer sim à eterna desacomodação de si. (2007, p. 52)

Nos preparativos das bodas de prata, os amigos de Beth e Davi se inquietaram na expectativa de saber como aqueles se vestiriam, e fizeram apostas e suposições. Isso motivou o casal ainda mais no esforço de criarem algo realmente especial. Um esforço sem muitos planos: não definiram nada de específico, simplesmente compraram tudo o que gostaram e começaram a testar as combinações.

[94]



Foto: Thais J. Castro

Essa tomada de liberdade é o diferencial e, claro, o espetáculo criado em torno da imagem também nos remete às características cruciais do mundo contemporâneo, como a participação dos espectadores, o envolvimento, a recepção, a curiosidade. Tal como na arte, que afasta de si a ideia de "obra" e elege o processo como o fim em si mesmo – também na moda, ou nessa moda fora do circuito oficial –, o percurso da criação importa tanto ou mais do que o resultado. Isso permite à moda nos mostrar "a pluralidade das relações que vão constituir a pessoa na sua relação consigo mesmo, com outrem e com o mundo" (MAFFESOLI, 1996, p. 316). A comunhão de opiniões e informações impulsiona a invenção, a coletividade e gera moda. Não uma moda que fala da arte ou vice-versa, mas que se constrói como tal, híbrida, difusa e imprevisível.

NOTAS

^[1] Dario Caldas faz uma crítica a esta situação na obra *Observatório de sinais* (2004).

^[2] O casal Beth e Davi é frequentemente encontrado em eventos de música em Cuiabá (MT). Ao conhecê-los, realizamos um ciclo de entrevistas entre os meses de abril e junho de 2009, na residência do casal, também registradas em ensaio fotográfico – produzido por Andréa L. Portela e Thaís J. Castro em agosto do ano passado.

REFERÊNCIAS

BARROS, Sílvia. *Customização: criatividade enlatada*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/tendencias_new/customizacao/index.htm>. Acesso em: 02 maio 2009.

CALDAS, Dario. *Observatório de Sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências*. Rio de Janeiro: Senac, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECO, Umberto. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslava Teixeira. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

PRECIOSA, Rosane. *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

TREPTOW, Doris. *Inventando moda: planejamento de coleção*. Brusque: Doris Treptow, 2003.